

A escola rural no bairro Mandassaia no contexto da relação campo-cidade e da expansão do agronegócio: resistência, identidade e pertencimento

The Rural School in the Mandassaia Neighborhood in the Context of the Rural–Urban Relationship and the Expansion of Agribusiness: Resistance, Identity, and Belonging

La escuela rural en el barrio Mandassaia en el contexto de la relación campo-ciudad y de la expansión del agronegocio: resistencia, identidad y pertenencia

Wender da Silva Vitor¹  <https://orcid.org/0009-0006-9091-9329>

Ana Rute do Vale¹  <https://orcid.org/0000-0003-3921-165X>

1 Universidade Federal de Alfenas (Unifal)  - Alfenas (MG), Brasil

Autor de correspondência: wender.vitor@sou.unifal-mg.edu.br

Recebido: 20 jan. 2026. Aceito: 12 mar. 2026.

Editores de seção: Flamarion Dutra Alves  <https://orcid.org/0000-0003-0318-7301>

Juan David Delgado Rozo  <https://orcid.org/0000-0003-0153-1885>

Resumo

Este estudo analisa a permanência da escola rural no bairro Mandassaia, localizado no município de Alfenas-MG, no contexto das transformações socioespaciais decorrentes da intensificação da relação campo-cidade e da expansão do agronegócio. O bairro, historicamente marcado pelo isolamento territorial provocado pela formação do Lago de Furnas e pela predominância da agricultura familiar, tem vivenciado mudanças significativas com o avanço das monoculturas de café e, mais recentemente, da soja. A pesquisa, de abordagem qualitativa, fundamenta-se em revisão bibliográfica, análise de dados secundários e documentais, bem como em trabalhos de campo e entrevistas com moradores e agentes escolares. Os resultados evidenciam que, apesar da redução populacional e da pressão econômica sobre o território, a Escola Municipal Arlindo da Silveira mantém-se como um importante espaço de sociabilidade, memória coletiva e articulação comunitária. A presença da escola contribui para a permanência das famílias no campo e para o fortalecimento dos vínculos territoriais, assumindo papel estratégico na resistência às dinâmicas excludentes impostas pelo agronegócio. Conclui-se que a escola rural no Mandassaia transcende sua função pedagógica, constituindo-se como elemento central na construção da identidade, do pertencimento e da resistência territorial da comunidade.

Palavras-chave: Educação do Campo. Escola rural. Relação campo-cidade. Agronegócio. Território.

Abstract

This study analyzes the permanence of the rural school in the Mandassaia neighborhood, located in the municipality of Alfenas, Minas Gerais, within the context of socio-spatial transformations resulting from the intensification of the rural–urban relationship and the expansion of agribusiness. Historically marked by territorial isolation caused by the formation of the Furnas Lake and by the predominance of family farming, the neighborhood has undergone significant changes with the advance of coffee monoculture and, more recently, soybean cultivation. The research adopts a qualitative approach, based on a literature review, analysis of secondary and documentary data, as well as fieldwork and interviews with residents and school staff. The results indicate that, despite population decline and economic pressure on the territory, the Arlindo da Silveira Municipal School remains an important space of sociability, collective memory, and community articulation. The school's presence contributes to the permanence of families in rural areas and to the strengthening of territorial bonds, assuming a strategic role in resisting the exclusionary dynamics imposed by agribusiness. It is concluded that the rural school in Mandassaia transcends its pedagogical function, constituting a central element in the construction of identity, belonging, and territorial resistance within the community.

Keywords: Rural Education. Rural school. Rural–urban relationship. Agribusiness. Territory.

Resumen

Este estudio analiza la permanencia de la escuela rural en el barrio Mandassaia, ubicado en el municipio de Alfenas-MG, en el contexto de las transformaciones socioespaciales derivadas de la intensificación de la relación campo-ciudad y de la expansión del agronegocio. El barrio, históricamente marcado por el aislamiento territorial provocado por la formación del Lago de Furnas y por el predominio de la agricultura familiar, ha experimentado cambios significativos con el avance de los monocultivos de café y, más recientemente, de soja. La investigación, de enfoque cualitativo, se basa en revisión bibliográfica, análisis de datos secundarios y documentales, así como en trabajos de campo y entrevistas con habitantes y agentes escolares. Los resultados evidencian que, a pesar de la reducción poblacional y de la presión económica sobre el territorio, la Escuela Municipal Arlindo da Silveira se mantiene como un importante espacio de sociabilidad, memoria colectiva y articulación comunitaria. La presencia de la escuela contribuye a la permanencia de las familias en el campo y al fortalecimiento de los vínculos territoriales, asumiendo un papel estratégico en la resistencia frente a las dinámicas excluyentes impuestas por el agronegocio. Se concluye que la escuela rural en Mandassaia trasciende su función pedagógica, constituyéndose como un elemento central en la construcción de la identidad, el sentido de pertenencia y la resistencia territorial de la comunidad.

Palabras-clave: Educación del Campo. Escuela rural. Relación campo-ciudad. Agronegocio. Territorio.

Introdução

A reconfiguração do espaço rural brasileiro, marcada pelo avanço do agronegócio e pelo aprofundamento das relações desiguais entre campo e cidade, tem provocado impactos significativos na organização das comunidades rurais e na permanência das instituições escolares nesses espaços. Esse processo é evidente também no Sul de Minas, onde o bairro rural Mandassaia, localizado no município de Alfenas/MG e banhado pelas águas do Lago de Furnas, representa um caso emblemático dessas transformações. Na realidade, a chegada dessas águas, a partir da criação do reservatório da usina hidrelétrica de Furnas, provocou o isolamento geográfico do bairro, em relação à sede do município. Além disso, a modernização agrícola, acompanhada da expansão das monoculturas de café, a partir da década de 1970 e, mais recentemente, da soja, tem gerado tensões entre os modos de vida tradicionais e as novas dinâmicas econômicas impostas ao campo especialmente a classe trabalhadora e aos pequenos agricultores.

Essas mudanças ocasionam impactos como a redução da população rural e a queda no número de matrículas escolares, reflexo da ausência de oportunidades no campo e da intensificação da relação com o município vizinho de Alterosa, para onde muitos moradores se deslocam em busca de serviços, lazer ou mesmo busca de novas oportunidade de emprego. Nesse cenário de transformações socioeconômicas e territoriais, a escola rural se vê constantemente ameaçada ao fechamento, devido ao discurso neoliberal que enxerga a educação como mercadoria e coloca a escola do campo com um baixo contingente como gasto. Mas também é importante ressaltar que a essas escolas em especial a mencionada neste estudo se apresenta como um espaço estratégico de resistência e organização da sua comunidade.

Este trabalho tem como objetivo analisar a permanência da Escola Municipal Arlindo da Silveira, no bairro rural Mandassaia, a partir da relação campo-cidade, considerando as transformações socioespaciais provocadas pela intensificação da atividade agropecuária e pelas dificuldades de acesso físico e político enfrentadas pelos moradores locais. A escola, nesse contexto, é compreendida como espaço de resistência, identidade e pertencimento aos sujeitos que ali vivem e dependem da mesma.

Ressalta-se que esse trabalho é parte dos resultados da dissertação do primeiro autor, orientada pela segunda, denominada “A permanência das escolas nos bairros rurais Bárbaras e Mandassaia, no município de Alfenas-MG, a partir da relação campo-cidade”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNIFAL-MG e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Metodologia

A realização dessa pesquisa qualitativa, baseou-se em revisão bibliográfica, dados secundários e pesquisa documental, junto à Prefeitura Municipal de Alfenas, Secretaria de Educação, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministério da Educação e Cultura (MEC) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), bem como informações do projeto de extensão “Educação do Campo, Transformando Vidas”, realizado pelo Instituto EFORT e pela Associação Mirante, em parceria com a UNIFAL-MG, sendo financiado por Furnas Centrais Elétricas S.A.

Além disso, foram realizados trabalhos de campo, durante os quais ocorreram entrevistas com o presidente da Associação de Produtores Rurais do Mandassaia, moradores mais antigos do bairro, a supervisoras de ensino da Escola Municipal Arlindo da Silveira e a captura de imagem aéreas do bairro, via drone.

Dessa forma, o embasamento teórico, o levantamento e análise de dados e a pesquisa empírica formaram o texto aqui apresentado.

Bairro rural, relação campo-cidade e o papel da escola frente a expansão do agronegócio:

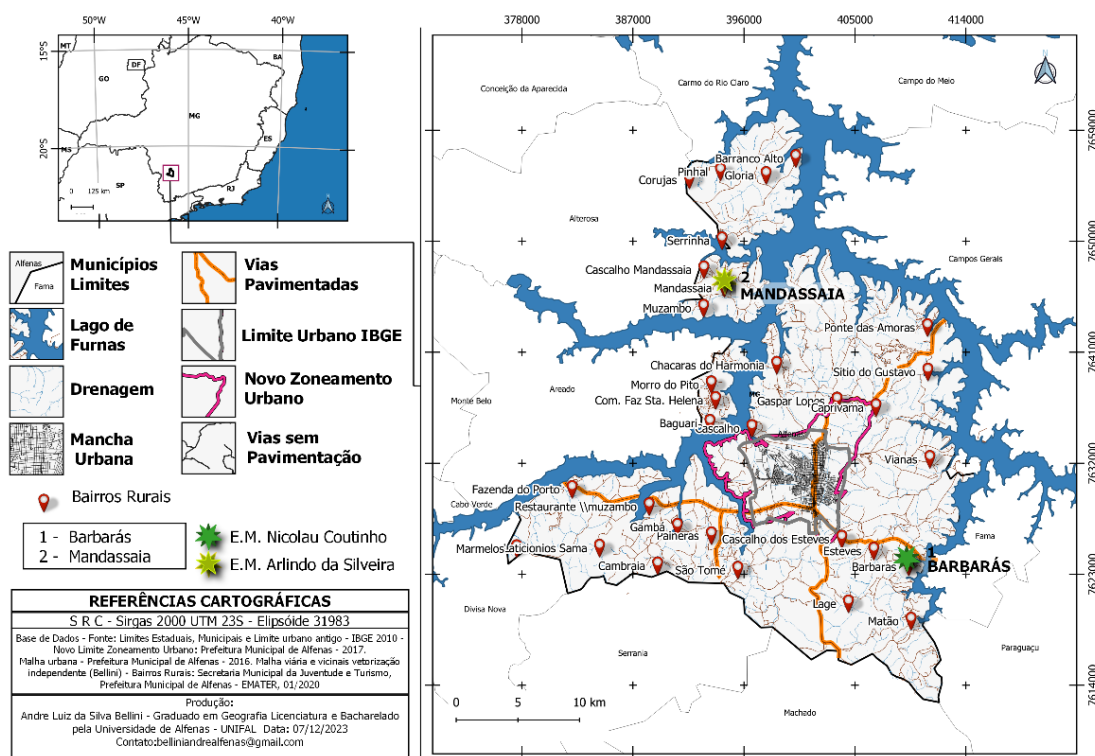
Ao adentrar a definição de bairros rurais, estes podem ser compreendidos como unidades geográficas dotadas de características heterogêneas, diversificadas e complexas. Sua estruturação decorre das relações de vizinhança, do sentimento de identidade com o local e de uma base físico-territorial. Essas dimensões são sustentadas tanto por dinâmicas de cooperação quanto por conflitos, conforme aponta Moreira (2007), demonstrando relações múltiplas e dialéticas neste espaço moldando os laços de vivência deste espaço.

A compreensão do bairro rural como unidade geográfica requer uma abordagem que considere a identidade, o pertencimento e as relações de vizinhança que estruturam o cotidiano das comunidades rurais e nelas se materializam os diferentes arranjos de bairros existentes no campo. Segundo Moreira (2007), o bairro rural é um espaço de relações sociais e econômicas que expressa formas próprias de organização territorial, baseadas na cooperação e nas trocas simbólicas entre os que ali residem.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017) reconhece os bairros rurais como frações do espaço municipal marcadas pela dispersão das moradias e pela predominância de atividades agropecuárias. No caso de Alfenas, o bairro Mandassaia apresenta essas características, sendo constituído por pequenas e médias propriedades familiares, com produção voltada ao café e recentemente à soja, evidenciando a constante expansão do agronegócio nesta região.

O município de Alfenas localiza-se na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais e integra a microrregião homônima. De acordo com o IBGE, (2022), possui população de 78.970 habitantes, densidade demográfica de 92,86 hab./km² e área territorial de 850,446 km². Sua organização administrativa é composta pelo distrito-sede e pelo distrito de Barranco Alto, além de uma expressiva extensão territorial rural abarcando seus bairros rurais. Alfenas limita-se, ao norte, com os municípios de Alterosa, Carmo do Rio Claro, Campos Gerais e Campo do Meio; a leste, com Paraguaçu e Fama; ao sul, com Machado e Serrania; e, a oeste, com Divisa Nova e Areado. Conforme evidenciado na (Figura 1), o município apresenta sua malha urbana, os bairros rurais e os municípios limítrofes, destacando-se também a escola objeto deste estudo.

Figura 1. Mapa de localização do município de Alfenas-MG, do bairro rural Mandassaia, da Escola Municipal Arlindo da Silveira, dos demais bairros rurais e dos municípios limítrofes.



Fonte: do autor.

A dinâmica econômica de Alfenas mantém forte vinculação com o setor primário, especialmente no que se refere à produção agrícola. A principal atividade agrícola do município é a cafeicultura, seguida pelo cultivo de outros grãos, como a soja, desenvolvidos tanto em estabelecimentos familiares quanto não familiares. Esse contexto revela uma contradição relevante na estrutura fundiária local, em especial no bairro rural pesquisado, uma vez que a maioria dos cafeicultores familiares ocupam áreas reduzidas, o que dificulta a ampliação da produção. Tal condição contribui, inclusive, para o abandono das atividades agrícolas por parte de alguns produtores, que passam a buscar inserção no trabalho informal, em vínculos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), na prestação de serviços a terceiros ou, ainda, no arrendamento de suas terras.

A formação do bairro rural Mandassaia está diretamente relacionada às transformações territoriais decorrentes da inundação de áreas produtivas para a construção da Usina Hidrelétrica de Furnas, na década de 1960. Conforme destacam Costa (2023) e Alves (2020), os processos de deslocamento forçado e de reorganização espacial marcaram profundamente a configuração do espaço rural do município de Alfenas/MG, afetando bairros como Mandassaia. Essas mudanças resultaram na reconfiguração das áreas de várzea, em alterações nas dinâmicas produtivas e em impactos significativos na estruturação comunitária, ao mesmo tempo em que mantiveram uma forte relação dos moradores com a terra.

A produção cafeeira constituiu-se como elemento central na ocupação e organização do bairro Mandassaia, sendo identificada não apenas como atividade econômica dominante, mas também como prática estruturante do cotidiano, do trabalho familiar e do pertencimento territorial, como aponta Costa (2023). O avanço recente da soja tem introduzido novas tensões e reconfigurações no uso da terra, ameaçando a diversidade produtiva e os modos de vida

tradicionais, conforme observado na pesquisa da qual este estudo deriva, destacados abaixo na figura 2.

Figura 2. Imagens aéreas do bairro rural Mandassaia, no município de Alfenas-MG, e seu perfil produtivo.



Fonte: OLIVETTI, 2025.

Conforme aponta os autores é percebido que com o advento da modernização agrícola e o avanço das monoculturas de café e, atualmente, de soja no bairro, intensificaram as desigualdades e transformaram as relações de produção e de vida no campo. Segundo Alves e Lindner (2020), o agronegócio do café no Sul de Minas expressa a mundialização da economia e a crescente concentração de terras, enfraquecendo os sistemas produtivos familiares. Esse processo, somado ao êxodo rural e à perda de serviços locais, compromete a permanência das famílias no campo e consequentemente as escolas rurais, que têm sido gradativamente fechadas ou nucleadas. Realidade esta vivenciada no município de Alfenas, pondo em risco a dinâmica existentes nestas localidades.

Nesse contexto, a escola rural emerge como um dos principais espaços de coesão social e resistência cultural. Conforme discute Micheline (2023), a escola do campo desempenha papel estratégico na valorização da identidade rural, atuando como espaço de reprodução de saberes locais, sociabilidade e construção de pertencimento. Mais do que um equipamento educacional, a escola representa um marco simbólico e funcional da permanência das comunidades em seus territórios, especialmente frente às pressões do êxodo rural e da mercantilização da terra, contexto este presente no município estudado.

Campos (2010) destaca que as escolas localizadas em áreas rurais são de suma importância no cotidiano dos moradores, não somente no setor educacional como abrangendo outros campos do convívio social. Na perspectiva do autor escola rural se integra profundamente à comunidade, tornando-se parte essencial do cotidiano local, por meio de da função social de ensino bem como por meio de encontros e festividades, o que as difere de outros órgãos públicos procurados apenas em necessidades eventuais, as unidades escolares têm um impacto quase permanente na rotina das famílias, que ali residem.

Para o referido autor, apesar das adversidades enfrentadas pelas escolas rurais, elas ainda assim apresentam um dinamismo no campo, ultrapassando sua função burocrática, e se tornando um espaço significativo para a formação de identidades comunitárias e na transmissão de valores educacionais alinhados aos desejos e necessidades da população local. A escola, portanto, não se limita a ser um mero instrumento de ensino formal; ela desempenha um papel social e cultural profundo, influenciando diretamente a vida comunitária (Campos, 2010).

Como argumenta Picoli (2020), é justamente a escola a responsável por essa transição entre o público e o privado, onde se constrói o espaço compartilhado em que o indivíduo é

inserido no mundo comum, reconhecendo-se como parte de uma coletividade. Assim, essas instituições cumprem a tarefa essencial de preparar os estudantes para navegar na complexidade das relações humanas e para a “convivência na pluralidade”, convivendo com as diversidades que caracterizam a vida adulta na esfera pública. No caso das escolas rurais, essa mediação assume contornos ainda mais significativos, pois se dá em territórios como o Mandassaia, bairro evidenciado neste estudo, que apresenta laços comunitários profundos, onde a escola não apenas educa, mas também acolhe, resiste e transforma no espaço onde atua.

Ainda nesta perspectiva, a respeito das funcionalidades das escolas, a mesma atravessa diferentes questões pertinentes no espaço agrário brasileiro. Para os moradores rurais, o trabalho é uma constante que se estende da infância até a velhice, presentes nos mais variados arranjos familiares e sistemas de produção existentes no campo. Nesse contexto, as atividades escolares não são vistas apenas como uma preparação para a vida adulta, mas, de forma mais profunda, como equivalentes ao trabalho, uma vez que elas moldam e preparam os indivíduos para essa realidade. Essa perspectiva enraizada no cotidiano rural atribui à escola um valor que vai além da simples instrução formal: ela se torna um espaço que apoia a execução do trabalho, seja na perspectiva de apoio aos pais nas suas atividades laborais, seja no planejamento profissional e pessoal, preparando os sujeitos para as funções e atribuições futuras (Campos, 2010).

Sob a perspectiva marxista apresentada por Campos (2010), a escola rural deve ser compreendida não apenas como um espaço pedagógico, mas como parte integrante da organização social e produtiva do campo. Nessa concepção, a educação está profundamente vinculada ao trabalho, entendido não apenas como atividade econômica, mas como experiência formativa que molda a vida coletiva e a identidade dos sujeitos. Assim, o valor atribuído à escola no meio rural reflete o reconhecimento do trabalho como elemento estruturante do território e das relações sociais que nela se materializam.

A transição de uma economia de subsistência para outra orientada ao mercado urbano modificou as expectativas das comunidades em relação à escolarização. Para muitas famílias de trabalhadores assalariados, a escola passou a representar uma possibilidade de ascensão social e de superação da precarização do trabalho rural. Contudo, o sistema educacional reproduz desigualdades históricas ao impor um modelo urbano às escolas do campo, desvalorizando a cultura e os saberes rurais locais. Essa contradição se expressa na falta de identificação dos moradores com a escola, que muitas vezes não dialoga com o cotidiano e as práticas locais. Há um descompasso entre o conteúdo escolar e a realidade vivida, o que leva a comunidade a perceber outras instituições como a capela ou o salão comunitário, sendo mais representativas de sua vida social (Campos, 2010).

Tal distanciamento reforça a ideia apresentada por Brandão (1999), apud Campos (2010, p. 36), segundo a qual “não há escolas rurais, mas escolas urbanas desqualificadas em comunidades camponesas e em outras categorias de agricultores”. Essa perspectiva evidencia o descaso e o retrocesso educacional que marcam o debate sobre os espaços rurais e suas instituições de ensino, as quais, em grande parte, encontram-se precarizadas e invisibilizadas pelos órgãos públicos de gestão. Além disso, tais escolas são frequentemente interpretadas por governos de orientação neoliberal como despesas para os cofres públicos, e não como investimentos sociais estratégicos.

Desse modo, compreender a escola rural implica reconhecer que o problema central não está na diferença entre os contextos urbano e rural, mas na desigualdade estrutural que inferioriza a cultura dos que vivem no campo. Valorizar a escola do campo significa, portanto, integrar o trabalho, a cultura e a identidade territorial aos processos educativos, reafirmando o papel da educação na resistência às lógicas excludentes do agronegócio e na valorização das formas de vida rurais.

É nesse contexto de fragilidade e de ausência do poder público que o agronegócio se apropria dos espaços rurais, provocando transformações profundas em suas dinâmicas sociais e produtivas. Na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, observa-se que o fechamento de diversas escolas rurais está diretamente relacionado à expansão do agronegócio, sobretudo da cafeicultura. Esse processo reflete a diminuição gradual da agricultura familiar, inserida em um contexto de concentração dos investimentos públicos voltados majoritariamente para os grandes empreendimentos do setor agroexportador. Como destaca Alves (2020, p. 437), há uma “tendência muito forte de maior investimento dos recursos financeiros do Estado em negócios do agro, enquanto a população brasileira vive com a escassez de auxílios e políticas que incentivem a agricultura familiar”.

A região, portanto, é marcada por intensas contradições socioeconômicas: o café se consolida como o principal motor econômico, mas também como vetor de desigualdades. Desse modo, o agronegócio do café e atualmente o da soja constrói e se beneficia de um espaço rural permeado por contradições e desigualdades estruturais, que impactam diretamente as comunidades e as instituições locais, incluindo as escolas.

A expansão desse modelo produtivo retoma, em certa medida, as origens da Educação do Campo como movimento de resistência às práticas excludentes da elite rural brasileira, que historicamente utilizou as escolas como instrumentos de reprodução de seus interesses. O fechamento das escolas rurais, portanto, não é um fenômeno isolado, mas parte de uma lógica que mantém a estrutura educacional precarizada — condição que favorece a continuidade das relações desiguais e a subordinação do campo aos interesses do capital agrário.

Ademais, Bagli (2006) evidencia que, embora as diferenças entre o campo e a cidade sejam intrínsecas à origem dos espaços urbanos, tais distinções foram hierarquizadas ao longo do tempo, consolidando uma relação de oposição entre esses territórios. O urbano consolidou-se como polo de comando político e econômico, enquanto o campo foi associado ao atraso e à subordinação. Essa hierarquização simbólica, segundo a autora, produz impactos concretos sobre as comunidades rurais, que sofrem com a desvalorização de seus modos de vida e de seus territórios, sendo postos a margem em um contexto socioespacial na qual muitas das vezes o poder público não se atenta a essas espacialidades, dando brecha ao poder privado e em espacial ao agronegócio se apropriar do campo.

Essa dimensão é observada também nos debates sobre a educação do campo, como destaca Musial (2011), reforçando a importância da relação da escola com a localidade na qual está inserida.

No entanto, autoras como Vale (2005) e Wanderley (2000) destacam que o rural contemporâneo é marcado por novas ruralidades, nas quais coexistem atividades agropecuárias, turísticas e residenciais. Essas dinâmicas evidenciam uma relação campo-cidade mais fluida, embora ainda permeada por desigualdades.

Educação do campo, identidade e resistência: a Escola Municipal Arlindo da Silveira no bairro rural Mandassaia

A Educação do Campo surge em oposição à chamada Educação Rural, esta concebida por Nascimento e Bicalho (2019, p. 65) como uma proposta da elite ruralista, orientada por ideais nacionalistas e agraristas, com o objetivo de ajustar a classe trabalhadora aos interesses dominantes. Wanderley (2009) destaca que o cenário atual continua marcado por conflitos entre o agronegócio, herdeiro da grande propriedade e as formas sociais de produção camponesa, especialmente a agricultura familiar.

Segundo a autora, as políticas estatais formuladas desde o final dos anos 1950, como o Estatuto da Terra (1964), favoreceram a concentração fundiária e o fortalecimento dos grandes proprietários, gerando uma histórica escassez de políticas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar (Wanderley, 2009). Essa expansão da agricultura patronal intensificou a exclusão dos pequenos produtores e aprofundou a ausência de políticas públicas e educacionais no campo.

Historicamente, a escola rural reproduziu essa lógica excludente ao adotar currículos e práticas urbanas, desvalorizando a cultura camponesa e reforçando a ideia de superioridade da vida urbana (Costa e Santos, 2011). Para Alentejano et al. (2021), o agronegócio consolidou-se nas últimas décadas como força hegemônica no Brasil, expandindo seu poder econômico e ideológico sobre diversos campos da vida social, inclusive sobre a educação.

A Educação do Campo nasce como um movimento de crítica e resistência à pedagogia hegemônica, buscando articular o direito à educação com o direito ao território e à cultura (Caldart, 2009; Arroyo, 2012). Nesse sentido, o fechamento das escolas rurais, representa um processo de desterritorialização, pois “retirar as escolas das comunidades significa negar sua existência e sua visibilidade como coletividade humana” (Arroyo, 2012, p. 211).

Esse processo tem se intensificado com a política de nucleação escolar, que transfere os estudantes para centros urbanos sob a justificativa de racionalizar recursos (Rodrigues et al., 2017). Tal prática, contudo, desestrutura os vínculos sociais e culturais das comunidades, afastando as crianças de seus territórios e desvalorizando a cultura camponesa. Assim, a ampliação do agronegócio e a lógica neoliberal de gestão educacional ameaçam a permanência das escolas no campo, enquanto os movimentos sociais e as práticas da Educação do Campo reafirmam a escola como espaço de resistência, identidade e (re)existência coletiva.

A educação do campo surge como um movimento político e pedagógico de resistência frente à homogeneização urbana, visando combater o ruralismo pedagógico. Nesse sentido, a escola do campo deve estar enraizada nas condições de vida e nas experiências das populações rurais, valorizando seus saberes e territórios (Arroyo, 2012; Caldart, 2009; Molina, 2004). Micheline (2023) reforça que a manutenção das escolas no campo é fundamental para garantir o direito à educação contextualizada e a permanência das famílias nas áreas rurais de suas propriedades.

O município de Alfenas nesse contexto emerge de um ruralismo pedagógico que visava a fixação do homem no campo, promovendo a permanência mas sem uma educação de fato contextualizada mas sim com o intuito da mão de obra rural. No entanto com o passar do tempo e a reconfiguração do espaço agrário do município, as escolas nele presente passam por diferentes configurações, como a municipalização e posteriormente muitas foram sendo fechadas, como demonstra Micheline (2023), marcadas por um período de uma constante evasão da população do campo para a cidade mediante a chegada das águas provenientes da Usina Hidrelétrica de Furnas.

A vinda das águas de Furnas indicou não somente uma mudança na paisagem, mas também, toda uma reestruturação socioespacial modificando não somente os meios de produção como a própria forma de vida desses sujeitos e consequentemente respingando nas diferentes esferas sociais bem como na área educacional, uma vez que o bairro rural Mandassaia carecia da permanência de sua escola, dado ao seu isolamento geográfico, ocasionado pelo alagamento das suas áreas de várzeas, mediante a construção da usina.

Costa (2023) observa que, após a inundação provocada pelo Lago de Furnas, a produção cafeeira tornou-se dominante em Alfenas, gerando contradições entre a lógica do agronegócio e as formas tradicionais de agricultura familiar. Nesse contexto, a escola Arlindo da Silveira assume um papel central como espaço de memória e resistência territorial.

A Escola Municipal Arlindo da Silveira foi criada, oficialmente, criada em 1945, com a construção de um novo prédio em 1990 (localização atual), conforme constam nos registros e na Lei nº 2.186 de 25 de setembro de 1990. Esta instituição surge com o objetivo de atender às demandas educacionais da comunidade local do bairro Mandassaia e seu entorno, dado a distância a sede do município e a dificuldade de acesso tanto via estrada, quanto de balsa (Micheline, 2023).

Em 2025, a escola oferece a Educação Infantil (pré-escola) e o Ensino Fundamental I e II, para alunos residentes no Mandassaia e nos bairros rurais circunvizinhos, como Cascalho e Muzambo, conforme informado pela diretora e supervisora em entrevista para esta pesquisa. Segundo relatos da supervisora entrevistada, “a escola é motivo de orgulho para o bairro; muitos pais e avós estudaram aqui, e ver os filhos continuando essa história é uma vitória”.

Conforme destaca o estudo, a respeito da Escola Municipal Arlindo da Silveira, apesar da crescente queda nas matrículas e as dificuldades de deslocamento, a escola tem resistido graças ao envolvimento da comunidade que juntos articulam e cobram o apoio da Secretaria Municipal de Educação, para a manutenção da escola no bairro. Entretanto, a respeito da questão curricular ainda não existe uma política municipal consolidada de Educação do Campo, fazendo com que esta instituição siga o modelo tradicional de ensino com o currículo urbano atualmente apostilado.

No entanto, mesmo com o currículo urbano a Escola Municipal Arlindo da Silveira, é vista e entendida como uma forma de resistência dentro do bairro rural Mandassaia por ser o espaço de sociabilidade e de encontro entre crianças, jovens adultos e idosos dentro do bairro, ponto esse de encontro que mantém viva a história do bairro dos moradores e da própria escola dado que a mesma une diferentes gerações e se mantém firme frente as diversas formas de precarização, sendo essa, uma instituição nucleada e que já enfrentou o risco de fechamento mas persiste com o apoio da comunidade a qual se insere.

O bairro Mandassaia e suas transformações territoriais

O bairro rural Mandassaia localiza-se a cerca de 20 km da sede municipal de Alfenas, sendo o acesso feito por estrada de terra e por travessia de balsa. Esse isolamento geográfico contribui para a manutenção de uma dinâmica comunitária autônoma, mas também impõe desafios ao acesso a serviços públicos, especialmente educacionais e serviços de saúde.

As entrevistas realizadas revelaram que muitos moradores associam a escola à própria história do bairro. Segundo um dos moradores antigos do bairro entrevistado, “a escola foi o primeiro prédio público do bairro, antes mesmo do posto de saúde e da igreja” (Boldo). Essa afirmação demonstra a centralidade simbólica da escola na organização territorial e na construção da identidade local, entrelaçada ao vínculo afetivo e a importância da mesma ao espaço onde atua.

O avanço da monocultura do café e da soja alterou a estrutura fundiária, reduzindo a mão de obra familiar e incentivando o arrendamento de terras para grandes produtores, o que resultou na diminuição da população residente e no esvaziamento de serviços locais. Nesse contexto, a escola

permanece como um importante elo de resistência, constituindo-se como espaço de encontro, memória e transmissão de saberes, além de promover a sociabilidade e o resgate cultural entre diferentes gerações.

A relação entre o bairro Mandassaia e a cidade de Alfenas é marcada pela dependência de serviços urbanos, mas também pela resistência à migração definitiva. Muitos moradores

estabelecem relações territoriais duplas, ao trabalharem ou comercializarem seus produtos na cidade, ao mesmo tempo em que preservam o modo de vida rural. Essa dinâmica expressa o que Vale (2005) denomina interpenetração campo-cidade, característica das ruralidades contemporâneas, que reduz as distâncias entre esses espaços e evidencia sua interdependência.

Dessa forma, as escolas rurais configuram-se como símbolos de permanência no campo, atendendo a diferentes públicos e localidades. Elas representam o vínculo afetivo e territorial que sustenta a identidade coletiva das comunidades rurais, atuando como espaços de resistência frente ao avanço do agronegócio e da urbanização, que impactam diretamente os modos de vida dos sujeitos do rural.

Com base nessas análises, os resultados indicam que o bairro Mandassaia apresenta uma realidade rural marcada por intensas transformações econômicas e socioespaciais, mas também por fortes vínculos comunitários. A Escola Municipal Arlindo da Silveira, presente no bairro desde 1945, configura-se como um dos poucos equipamentos públicos ainda em funcionamento, sendo reconhecida pela população local como símbolo de pertencimento, memória coletiva e identidade rural.

O isolamento geográfico do bairro, intensificado pela dependência da travessia de balsa para acessar a sede do município de Alfenas, reforça a centralidade da escola na dinâmica territorial. Sua presença permite que as crianças permaneçam no território, evitando longos deslocamentos e fortalecendo os laços comunitários. Os relatos evidenciam que muitas famílias resistem à migração justamente pela existência da escola, que oferece não apenas educação, mas também acolhimento e continuidade às tradições locais.

Por outro lado, a intensificação da cafeicultura e, mais recentemente, da soja, tem provocado alterações significativas na estrutura fundiária e na organização produtiva do bairro. A crescente presença de arrendamentos para grandes produtores, em detrimento da agricultura familiar, tem contribuído para a diminuição da população local e o esvaziamento de serviços. Ainda assim, a escola se mantém como um eixo de coesão social, reafirmando o Mandassaia como território de resistência rural frente às pressões econômicas e urbanas.

A relação campo-cidade se intensifica no bairro por meio da conexão frequente com o município vizinho de Alterosa, que se configura como referência para acesso a serviços, trabalho e lazer, em razão da dificuldade de mobilidade com a sede alfenense. Tal dinâmica evidencia uma inversão territorial que reposiciona o centro das relações cotidianas da população rural, sem, contudo, romper os vínculos com o lugar de origem.

A resistência da comunidade em torno da escola, articulada à atuação da associação de moradores e à valorização das práticas rurais, aponta para a importância de políticas públicas territorializadas e voltadas para a manutenção da vida no campo. A escola, nesse sentido, transcende sua função pedagógica e assume papel estratégico na sustentação da ruralidade, como espaço de articulação entre gerações e de reafirmação do campo como espaço legítimo de existência e de direitos.

Conclusões

A análise do bairro Mandassaia revela que, mesmo diante das intensas transformações socioeconômicas provocadas pela modernização agrícola, pela expansão da cafeicultura e, mais recentemente, da soja, a permanência da Escola Municipal Arlindo da Silveira representa um marco de resistência territorial e de valorização da identidade rural. A escola, nesse contexto, é mais do que um espaço educacional: constitui-se como centro simbólico e funcional da comunidade, sustentando vínculos sociais e promovendo a reprodução dos modos de vida no campo.

O isolamento geográfico do Mandassaia, agravado pela dependência de uma balsa para acessar a sede de Alfenas, contribui para consolidar uma relação campo-cidade alternativa, na qual o município vizinho de Alterosa passa a exercer influência direta nas dinâmicas cotidianas da população. Essa situação evidencia uma territorialidade particular, em que a escola local desempenha papel fundamental ao manter a comunidade conectada a seu território de origem, fortalecendo o sentimento de pertencimento mesmo diante da fragmentação dos vínculos institucionais com o poder público.

A permanência da escola no Mandassaia expressa a força das estratégias comunitárias de resistência frente ao avanço do agronegócio e ao esvaziamento das políticas públicas voltadas à educação do campo. O estudo aponta a urgência de ações efetivas do Estado que reconheçam as especificidades dos territórios rurais e garantam o direito à educação no e para o campo, considerando suas singularidades históricas, sociais e culturais.

Conclui-se que a valorização da escola do campo, como no caso do Mandassaia, é condição essencial para fortalecer as ruralidades e frear os processos de invisibilização e exclusão que ainda marcam os espaços rurais. Preservar essas instituições significa afirmar o campo como espaço legítimo de vida, produção, cultura e cidadania.

Referências

- ALENTEJANO, P.; CORDEIRO, T.; LINES, R.; SILVA, L.; LINHARES, I. A dupla ofensiva do agronegócio sobre a educação: fechamento de escolas e disputa político ideológica. *Terra Livre*, v. 2, n. 57, p. 433-470, [2021]. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/2320>.
- ALVES, F. D.; LINDNER, M. Agronegócio do café no sul de Minas Gerais: Territorialização, mundialização e contradições. *Revista OKARA: Geografia em debate*, v. 14, n. 2, p. 433-451, 2020. Disponível em: AGRONEGÓCIO DO CAFÉ NO SUL DE MINAS GERAIS: territorialização, mundialização e contradições | OKARA: Geografia em debate (ufpb.br). Acesso em: jun. 2024.
- ALVES, F. D.; VALE, A. R. A relação campo-cidade e suas leituras no espaço. *ACTA Geográfica*, Boa Vista, Ed. Esp. Geografia Agrária, p. 33-41, 2013. Disponível em: Disponível em: A RELAÇÃO CAMPO-CIDADE E SUAS LEITURAS NO ESPAÇO (The countryside-field relations and readings in space) | ACTA GEOGRÁFICA (ufrb.br). Acesso em: 15 abr. 2024.
- ARROYO, M. G. *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BAGLI, P. *Campo e cidade: a construção dos mitos*. Presidente Prudente: UNESP/FCT, 2006. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/Campoecidadeaconstrucaodosmitos.pdf>. Acesso em: jun. 2025.
- CALDART, R. S. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 7, n. 1, mar./jun. 2009, p. 35-64. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/z6LjzpG6H8ghXxbGtMsYG3f/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- CAMPOS, J. T. de. A relação entre a escola rural e a cultura caipira. *Revista Ciências Humanas*, [S. l.], v. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/228>. Acesso em: ago. 2024.
- COSTA, T. M. M. D. *Cafeicultura e transformações socioespaciais no município de Alfenas-MG pós-inundação pelo Lago de Furnas*. 2023. 154 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2023. Disponível em: <https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/handle/tede/2836>. Acesso em: 23 maio. 2024.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil: uma primeira aproximação*. DTB – Divisão Territorial Brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: Divisão Territorial Brasileira | IBGE. Acesso em: 26 ago. 2025.
- MICHELINE, L. L. C. *Escolas rurais do município de Alfenas: de onde viemos, onde estamos e o que almejamos?* Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia Licenciatura) da Universidade Federal de Alfenas-MG, 2023. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/geografia/tcc/.N>Acesso em: 24 set. 2025.
- MOLINA, M. C. Educação do Campo e pesquisa: questões para reflexão. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 88, p. 1159-1179, 2004.

- MOREIRA, E. V. As múltiplas fontes de renda e a pluriatividade nos bairros Aeroporto, Cedro, Córrego da Onça, Ponte Alta e Gramado no município de Presidente Prudente-SP. 2007. 265 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2007. Disponível em: As múltiplas fontes de renda e a pluriatividade nos bairros Aeroporto, Cedro, Córrego da Onça, Ponte Alta e Gramado no município de Presidente Prudente-SP (unesp.br).
- MUSIAL, G. B. S. A emergência da escola rural em Minas Gerais (1892-1899): quando a distinção possibilita a exclusão. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. Disponível em: Repositório Institucional da UFMG: A emergência da Escola Rural em Minas Gerais (1892-1899): quando a distinção possibilita a exclusão. Acesso em: 16 ago. 2024.
- NASCIMENTO, F; BICALHO, R. Breve contextualização da educação rural no Brasil e os contrastes com a educação do campo. Educação em Debate, Fortaleza, n. 78. jan./abr. 2019, p. 62-75. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/44221/1/2019_art_fcbnascimentoribicalho.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.
- PICOLI, Bruno Antonio. Homeschooling e os irrenunciáveis perigos da educação: reflexões sobre as possibilidades de educação sem escola no mundo plural a partir de Arendt, Biesta e Savater. Praxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-22, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5212/praxeduc.v.15.14535.023>. Acesso em: 1 fev. 2025.
- RODRIGUES, A. C.; MARQUES, D. F.; RODRIGUES, A. M.; DIAS, G. L. Nucleação de escolas no campo: conflitos entre formação e desenraizamento. Educação & Sociedade, Porto Alegre, v. 42, n. 2, 2017, p. 707-728. Disponível em: 1503 <https://www.scielo.br/j/edreal/a/gQ3Yj75WDy9cKTRm4dwqjpj/?lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- VALE, A. R. do. Expansão urbana e plurifuncionalidade no espaço periurbano do município de Araraquara (SP). 2005. vi, 210 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2005. Disponível em: Expansão urbana e plurifuncionalidade no espaço periurbano do município de Araraquara (SP) (unesp.br). Acesso em maio. 2024.
- WANDERLEY, M. de N. B. O agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro. In: PETERSEN, P. (org). Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.
- WANDERLEY, M. de N. B. Olhares sobre o “rural” brasileiro. Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas, [S. l.], v. 23, n. 1 e 2, p. 82-98, 2005. DOI: 10.37370/raizes. 2004. v. 23. 236. Disponível em: Olhares sobre o “rural” brasileiro | Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas. (ufcg.edu.br). Acesso em: 20 maio. 2025.

Contribuição dos autores

Conceitualização: VITOR, W. S.; VALE, A. R.; **Curadoria de dados:** Não aplicável; **Análise formal:** VITOR, W. S.; VALE, A. R.; **Aquisição de financiamento:** Não aplicável; **Investigação:** VITOR, W. S.; VALE, A. R.; **Metodologia:** VITOR, W. S.; VALE, A. R.; **Administração do projeto:** Não aplicável; **Recursos:** Não aplicável; **Software:** Não aplicável; **Supervisão:** Não aplicável; **Validação:** VITOR, W. S.; VALE, A. R.; **Visualização:** VITOR, W. S.; VALE, A. R.; **Escrita – rascunho original:** VITOR, W. S.; VALE, A. R.; **Escrita – revisão e edição:** VITOR, W. S.; VALE, A. R.

Base de dados

Não se aplica.

Financiamento

Este trabalho é fruto da dissertação de mestrado do primeiro autor sendo a mesma financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Aprovação do conselho de ética

Não se aplica.

Agradecimentos

Agradeço à Escola Municipal Arlindo da Silveira e à comunidade do bairro Mandassaia pela colaboração com a pesquisa. Agradeço ao professor Diogo Olivetti pelo auxílio com as imagens aéreas e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa durante a pesquisa.
